

ARQUITETURA: O ABRIGO DA VIDA

Prof. Roberto Gonçalves da Silva*

Resumo: Arquitetura é toda e qualquer edificação cuja finalidade seja o abrigo da vida cotidiana - ou partes dela - adaptando-a ao lugar em que ela acontece. Enquanto produção material e simbólica, ela é o resultado de processos que articulam permanente e indissolúvelmente dois termos: natureza e cultura. Em decorrência deste entendimento - que recoloca a arquitetura como o centro das atenções dos estudantes de arquitetura - oriento os meus alunos a estudar os abrigos existentes na Ilha de Santa Catarina sem restringi-los ao formalismo decorrente do culto das formas da moda e das suas representações bidimensionais. Iniciando o processo pedagógico, com o estímulo da percepção subjetiva e do seu registro, proponho que cada aluno realize o trabalho "**O espaço da minha vida cotidiana**", que é apresentado documental e oralmente em seminário. A apresentação dos resultados, que surpreende pela diversidade, inaugura o processo de estudos. Nele, cada aluno escolhe livremente dois abrigos que representem, do seu ponto de vista, a melhor e a pior solução para o mesmo problema. A partir disto, elaboramos com cada um deles um plano individual de estudos, onde a experiência corporal de entrar e sair dos dois exemplares escolhidos é condição fundamental para a apreciação da qualidade arquitetônica. Os resultados desta experiência centrada no corpo, são socializados documentalmente através de uma lista de discussão na Internet e de seminários de avaliação. O referencial teórico-metodológico do trabalho é constituído pelas obras de Milton Santos e Maurice Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Arquitetura, Abrigo, Vida Cotidiana, Natureza, Corpo

Title: ARCHITECTURE: THE SHELTER OF THE LIFE

Author: Prof. Roberto Gonçalves da Silva*

Abstract: Architecture is all and any construction whose purpose is the shelter of the daily life - or it's parts - adapting it to the place in which it happens. While material and symbolic production, it is the result of processes that articulate permanently and inextricably two terms: nature and culture. Due to this understanding - that puts back the architecture as the center of the architecture students' attentions - I guide my students to study the existent shelters in Santa Catarina's Island without restricting them to the formalism of the current cult of fashion nor to its two-dimension representations. Beginning the pedagogic process, stimulating the subjective perception and its registration, I propose to each student to accomplish the work **The space of my daily life**, that is presented documental and orally in seminar. The presentation of the results, that surprises for the diversity, inaugurates the process of studies. In wich each student chooses two shelters that, from their point of view, represent the best and the worst solution for the same problem. Starting from this, we elaborate with each one, an individual plan of studies, where the corporal experience of entering and leaving the two chosen shelters is a fundamental condition for the appreciation of its architectural quality. The results of this experience centered in the body, are socialized through a Internet discussion list and at evaluation seminars. The theoretical-methodological referencial of the work is constituted by Milton Santos and Maurice Merleau-Ponty works.

Key-words: Architecture, Shelter, Daily-life, Nature, Body

Introdução

Neste trabalho apresento algumas reflexões que me permitiram reformular o entendimento sobre arquitetura que aprendi, a partir do final dos anos 60 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e que lamentavelmente ainda hoje permanece como fundamento do ensino de Arquitetura e Urbanismo no Brasil. Com base neste entendimento, venho tentando desenvolver uma metodologia de ensino de arquitetura na disciplina optativa que criei, denominada **Arquitetura e Sociedade (sem negligenciar a Natureza)**, que venho oferecendo aos alunos da UFSC, desde 1993, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo. A partir desta experiência, pretendo socializar alguns resultados obtidos junto aos meus alunos com a disciplina.

I. Preliminares

A minha transferência de São Paulo para Florianópolis, ocorrida em junho de 1982, promoveu mudanças mais efetivas e profundas do que eu poderia ter cogitado.

A mais significativa delas, decorreu do fato de eu ter adquirido uma casa para abrigar a minha família que, 6 meses após, no dia **06 de janeiro de 1983**, foi atingida por uma violenta enchente. Este acontecimento, que transformou em nada todos os documentos, as anotações e os registros de uma experiência inédita que eu havia conduzido durante os dois últimos anos que permaneci em São Paulo enquanto arquiteto da Prefeitura Municipal¹ e que promoveu a perda do meu título de mestre em Estruturas Ambientais e Urbanas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, colocou-me a seguinte questão: - ***Como fui incapaz de perceber que a casa que adquiri situava-se no leito secundário de uma bacia hidrográfica, conduzindo toda a minha família a afogar-se nela?***

Sendo arquiteto e professor de urbanismo, por opção, na Universidade Federal de Santa Catarina, este êrro inadmissível proporcionou-me um enorme aprendizado: levou-me a

¹ Envolvi as 163 famílias que residiam na Favela da Chácara Santana (AR-Campo Limpo) e com elas elaborei o 1º Projeto Pró-favela construído no Brasil (1983), desenvolvendo uma metodologia que ainda permanece inédita .

estabelecer uma relação entre arquitetura, cultura e natureza, recuperando assim a tradição clássica da arquitetura.

Para isto, tenho me apoiado no referencial teórico-metodológico das Formações Socioespaciais², que aprendi com o professor Milton Santos articulando-o com a perspectiva da História Oral.

O Parque São Jorge: uma situação exemplar

O Parque São Jorge – bairro onde se encontra construída a casa em que fui vítima da enchente mencionada, adquirida através do BNH – foi uma antiga fazenda que a pressão exercida pela implantação da sede da ELETROSUL, nos anos 70, sobre o limitado mercado imobiliário de Florianópolis transformou em loteamento residencial, através de um projeto técnico elaborado pelo Eng^o Wilmar José Elias, um dos herdeiros da gleba. Em 1975 o loteamento foi aprovado sem qualquer restrição pela Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Situado numa das sub-bacias hidrográficas do Rio Itacorubi, o loteamento é atravessado por um dos córregos (que se encontra omitido no mapa constante da lista telefônica atual) que forma o rio do mesmo nome. Na margem esquerda deste córrego – ladeado pelas duas pistas da atual Avenida dos Buritis – está construída a casa que, em linha reta, dista cerca de 2 quilômetros do mar da Baía Norte. O nível médio da água do riacho defronte à casa, apresenta um diferencial de apenas 60 centímetros relativamente ao nível do mar. Esta disposição confere um alto grau de vulnerabilidade para a ocorrência de enchentes, quando chuvas intensas coincidem com a maré baixa. A probabilidade transforma-se em certeza, quando chuvas prolongadas se intensificam na maré enchente da lua cheia (a conjunção do dia 6 de janeiro).

Das referências fornecidas pelos antigos moradores açorianos que ainda ocupam as encostas próximas, da mesma forma que seus avós o fizeram desde o século XVIII, obtive uma surpreendente revelação de um homem com 92 anos de idade. Identificando-me como o morador da casa que apontei, que estava visível desde a sua porta, que sendo professor recém-chegado desejava saber sobre as enchentes do Itacorubí, ele me disse:

² Perspectiva teórico-metodológica que adoto e que vem sendo desenvolvida por Milton Santos, a partir da publicação do artigo Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método (1978) até a sua última obra publicada: **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI** (2001).

... Ôh, sinhô... aquela não é terra prá moradia não. Só prá criar gado é que os antigos usavam... Mais voçeis que chegam de fora, não sabem por que não viram e também porque nunca ouviram falar das enchentes do Itacorubi... Ôh, sinhô... tá vendo aquela árvore? Apontando-me uma antiga e frondosa figueira. - Pois já teve enchente que encubriu ela...

As entrevistas com os moradores antigos e a observação da implantação das suas casas, forneceram-me informações que permitiram-me recompor, como um mosaico, os fragmentos de uma imagem impressionista da inserção da experiência humana na formação espacial: a ocupação do litoral realizada através do assentamento de população imigrante de origem açoriana. Iniciada no século XVIII e estendendo-se do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, ela se materializou através da instalação de "posses" familiares, articuladas entre si por uma estrada denominada de Geral. Esta "via de regra" é implantada à meia encosta, diferenciando as terras que ficam às suas margens: as situadas encosta acima, eram utilizadas sobretudo para a construção da casa e para o plantio de culturas perenes e constituíam as posses familiares; as que se situavam abaixo dela, eram destinadas à criação de gado, permanecendo de uso comunal - por serem áreas de banhado e de cheias eventuais. Esta rugosidade³, ainda visível na paisagem do litoral catarinense, continha um saber e estabelecia uma norma de ocupação e uso da terra que a tradição não transgredia.

Entretanto, tal como o Parque São Jorge, todas as áreas de risco de enchente existentes em Florianópolis estão situadas abaixo das respectivas Estradas Gerais. A Prefeitura Municipal, desconsiderando o conhecimento patrimonial na sua legislação urbana, por omitir-se da responsabilidade em identificá-las, por continuar concedendo alvarás para novas construções nestas áreas sem qualquer restrição, tratando-as como se nenhum risco houvesse, transforma-se no principal responsável pela produção de enchentes. Além disto, após as catástrofes, ela se alia à ação oportunista de empresas de engenharia e contrata novas e sempre inócuas obras de engenharia.

Voltando ao dia 6 de janeiro, o que de fato ocorreu é que sendo eu um estrangeiro, de boa-fé, fui incapaz de perceber a desonestidade dos vendedores apoiados numa absurda legalidade conferida pela Prefeitura Municipal de Florianópolis. Aprovar um loteamento

³ Na teoria das Formações Socioespaciais, Milton Santos denomina rugosidade aos vestígios da vida humana anterior que inseridos na paisagem, nela permanecem até a atualidade.

como aquele – incompatível com as condições geográficas do seu sítio – aliado à concessão de um habite-se para uma edificação construída no leito secundário de drenagem de uma ampla bacia hidrográfica à montante, embora seja um crime absurdo é a norma, que permitiu encobrir a um comprador que chegava de fora, o que era de domínio público (qualquer cidadão florianopolitano sabe): o Parque São Jorge, está situado em uma das muitas áreas de risco de enchentes da cidade.

Ainda estava debruçado sobre o meu problema quando, em julho de 1983, todo o estado de Santa Catarina submergiu por enchentes. As chuvas que se precipitaram com grande intensidade e longa duração, promoveram cheias que inundaram 162 dos 199 municípios então existentes. A tragédia, que produziu 219.856 flagelados e 61 mortos⁴, ganhou dimensões de catástrofe ambiental e comoveu o mundo, sensibilizando pessoas que, em níveis até então desconhecidos, responderam efetiva e prontamente à Campanha S.O.S. Enchente, levada a efeito pela televisão, através de imagens geradas e transmitidas "ao vivo", desde o cenário dos próprios acontecimentos.

Tão logo as águas do Rio Itajaí baixaram, visitei a área mais duramente atingida de todo o Estado de Santa Catarina e enquanto pesquisador associado do Grupo de Estudos de Movimentos Sociais da UFSC – coordenado pela professora Ilse Scherer-Warren – travei contato com inúmeras vítimas. Embora estivesse levantando dados para uma pesquisa que pretendia mapear as redes de solidariedade estabelecidas durante a enchente, busquei saber dos atingidos a que causas eles atribuíam o fenômeno. As duas afirmações abaixo transcritas, delimitam o campo básico onde situam os seus entendimentos:

... Final dos tempos...castigo de Deus. Os homens tem agido de maneira muito errada e Deus não admite conviver com tanto pecado...

... O desmatamento desenfreado, o assoreamento crescente do Itajaí, a paralisação das obras de construção das barragens de contenção...

Por absurdo que possa parecer, a explicação metafísica aproxima-se mais da verdade, ao responsabilizar a humanidade por pecar. Entretanto, não identificando quais os pecados cometidos, não insinua nenhum caminho para o paraíso. A segunda, sendo a reprodução mecânica e estereotipada das informações veiculadas pela mídia, confunde tudo:

⁴ Cf. GT-HIDRO - *As Enchentes de julho de 1983 em Santa Catarina e a busca de soluções* – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1984.

misturando causas com conseqüências, isenta a todos de qualquer responsabilidade. Ambas não contribuindo em nada para que se alterasse a situação, impediram que os esforços dos cidadãos pudessem convergir para articular uma reconstrução adaptada e, principalmente para o desenvolvimento de uma cultura espacial local. Ao contrário, colaboram para o seu agravamento e para confirmar a máxima dos hidrologistas: "a maior enchente ainda está por vir".

Ainda no Vale do Itajaí, no cenário da grande enchente e em meio às numerosas vítimas, me perguntei: - ***Será que a mesma ignorância ambiental que me vitimara 6 meses antes, ao imigrar para Santa Catarina, não teria vitimado os alemães e italianos ao iniciarem a ocupação do Vale do Itajaí, a partir de meados do século passado?***

Ao tomar contato com os dados e constatar a frequência e a amplitude com que o fenômeno das enchentes atinge as populações e seus patrimônios no Estado de Santa Catarina, pude aquilatar a dimensão desta problemática para o seu desenvolvimento. Se por um lado necessitava de explicações que imediatamente pudessem ajudar-me a decidir o que fazer com a minha casa, e que também seriam úteis às famílias vizinhas, encontrava-me alertado e ciente de que o fenômeno voltaria a se repetir. E se repetiu, antes do esperado: ainda em 1983, dois episódios ocorreram no Parque São Jorge, no mês de novembro, com um intervalo de apenas 15 dias. No último deles, a subida do nível das águas foi tão rápida que, ao terminarmos de erguer todas as coisas que tínhamos no interior da casa, ficamos impossibilitados de sair pela porta da frente. Tivemos que pular o muro do vizinho, atravessar por cima do seu telhado para, finalmente, poder sair pela casa do vizinho dos fundos.

Estas imagens ainda impressionistas, conferiram-me uma visibilidade interpretativa inicial do desastre nada natural, porém historicamente construído, que crescente e violentamente afeta as populações urbanas. Se eu conseguisse identificar as causas das enchentes, em acontecimentos que tiveram lugar no interior do próprio processo de Formação Socioespacial de Santa Catarina, estaria contribuindo para a elaboração das bases necessárias para a formulação de alternativas adequadas para o seu possível equacionamento.

Assim, formulei um projeto com o objetivo de realizar uma análise comparativa das rugosidades inseridas na Formação Socioespacial da bacia Atlântica de Santa Catarina, a partir do século XVII, com a instalação de colonos imigrantes de origem açoriana, alemã e italiana, em suas áreas etnicamente homogêneas, pretendendo evidenciar as suas adaptações ou não às condições naturais nela existentes.

Através da comparação entre os espaços construídos nas regiões de origem com aqueles que se realizaram em território catarinense, acreditei que poderia analisar a exata medida da permanência ou mudança das estruturas espaciais durante os processos de imigração, instalação e re-inserção em novo território. Além disto, uma análise comparativa entre a situação atual da realização espacial de cada um dos três grupos étnicos, com a sua construção original, evidenciaria as tentativas sucessivamente empreendidas pelos imigrantes e seus descendentes para adaptar a sua cultura espacial de origem ao território catarinense. O resultado final destas análises, expressando as realizações espaciais que cada uma delas assumiu em três situações/momentos precisos – a situação original européia, a situação no momento da sua instalação em território catarinense e a situação atual – permite verificar a existência de uma cultura espacial em formação na atualidade regional, bem como explicitar os seus principais traços.

Um encontro providencial com o professor Aziz Ab'Sáber, no início de 1989, abriu uma nova perspectiva para os meus esforços em esclarecer as enchentes. O amigo e ex-professor no mestrado da FAU, um dos grandes conhecedores do Brasil e não apenas da sua geomorfologia, após ouvir-me atentamente, sugeriu:

... procure referências da ocupação anterior, procure conhecer a situação dos sítios arqueológicos existentes na região...

Os sítios arqueológicos conhecidos e já identificados no território catarinense são constituídos, na sua maioria, por sambaquis e inscrições rupestres. A sua localização indica que a escolha preferencial das populações originárias era por terrenos situados à meia encosta e no topo dos morros mais altos, inexistindo qualquer vestígio da sua existência nos fundos de vale. Todavia, o patrimônio arqueológico da região, que muito deve aos estudos

iniciados pelo Padre João Alfredo Hohr⁵, permanece pouco conhecido e a sua desconsideração é verificada até na instituição formalmente responsável pelo seu cuidado. Como contou-me Juarez José Aumond, geólogo e professor na FURB.

... Ao encontrar um sambaqui no alto do Morro do Baú, o mais antigo que eu já havia me deparado, constatei porque dispunha de um GPS que o mesmo nunca havia sido identificado. Comuniquei o achado, fornecendo as coordenadas ao SPHAN, cujo funcionário fez, aparentemente a contragosto, o favor de anotá-las. Até hoje, ao que parece, nada foi feito.

A sugestão do professor Aziz, resultou em uma descoberta que apresentei na sessão O Futuro das Cidades, do Fórum de Cultura – promovido pela UNESCO e pela UFRJ no Rio de Janeiro em 1992. O Arq. Rubén Pesci, um dos conferencistas, concluiu a sua exposição afirmando que o atual caos urbano decorria da desconsideração pelas culturas agrícolas. Tomei a palavra e, pela primeira vez sendo traduzido simultaneamente em 4 línguas, dirigi-me a ele e aos quase 300 participantes de todo o mundo que lá se encontravam. Dizendo que a generalização é inimiga do entendimento, discordei da sua afirmação não apenas por estarmos na América mas por entender que cultura agrícola era algo que se reportava exclusivamente à Europa, nos demais lugares do mundo existiram culturas patrimoniais. Estas sim, é que estavam sendo sistematicamente demolidas. Identificando-me como um estudioso de Santa Catarina, estado onde se encontra o Vale do Itajaí-Açú, mundialmente conhecido pelas enchentes que em 1983 e 1984 inundaram 75% do seu espaço construído, justamente no espaço ocupado inicialmente por camponeses alemães e italianos, em meados do século passado. Entretanto, o que ninguém sabe é que os sítios arqueológicos conhecidos e que nele estão situados nunca foram atingidos por qualquer enchente. Isto permite que se diga que o saber ambiental constituído ao longo dos 8000 anos de convivência pela cultura patrimonial nas suas "relações de parentesco" com a natureza era incomparavelmente mais amplo e eficaz que o "conhecimento" decorrente dos 150 anos de colonização européia. Para finalizar, afirmei que fatos como este não ganham qualquer visibilidade, em razão da recusa sistemática dos intelectuais locais em interessarem-se por eles, uma vez que permanecem "brincando de roda" como papagaios de pirata e tendo por paradigma ser a caricatura dos outros. O agradecimento efusivo do conferencista, aliado ao cumprimento de inúmeros participantes – que me confirmaram que a situação que descrevera, também se verificava em cada um dos diferentes lugares do mundo de onde

⁵ O Padre Hohr, fui o responsável pelas pesquisas arqueológicas iniciais realizadas em Santa Catarina. Foi fundador do Museu do Homem do Sambaqui, um dos acervos significativos da arqueologia brasileira, que hoje, em sua homenagem, tem o seu nome.

vinham – confirmaram o acerto da minha perspectiva de compreender as Formações Socioespaciais.

A minha formação acadêmica

A perplexidade e o sentimento de impotência que se apoderaram de mim, ao ser vitimado por uma enchente, levaram-me a realizar também uma reflexão sobre a minha formação acadêmica, realizada fundamentalmente na USP.

Meu ingresso em 1968 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, proporcionou-me tomar contato mais estreito e sempre beligerante⁶ com uma ideologia arquitetônica e urbanística que foi introduzida no Brasil, a partir de meados do século XX e que ainda permanece sendo hegemônica. Tendo sua origem nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna⁷ – os CIAM – ela representa a tentativa de globalização dos resultados do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, desconsiderando as diferenças naturais e culturais presentes no mundo. Assumindo que "cultura é um estado de espírito ortogonal"⁸, considera a natureza como o terreno indiferenciado, o cenário que deve emoldurar a arquitetura, sua sublime criação. Com isto, ela rompe e inverte o conhecimento humano relativo à Arquitetura, que está presente desde a tradição clássica que chega até nós através

⁶ No primeiro projeto de arquitetura que realizei na escola cujo tema era Habitação Popular, apoiando-me em um trabalho de Lúcio Costa e no meu próprio conhecimento do país, apresentei uma proposta de construção de moradias com barro, tal como faz a população pobre do interior do Brasil. Minha proposta foi trucidada pelos professores que indignados me perguntaram: – O que você está pretendendo? Voltar a roda da história? O meu último trabalho na escola, o de conclusão do curso, exigiu-me 6 meses de discussão intensa para que ele fosse aceito. O seu título: Espaço e Ideologia.

⁷ Os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, iniciaram-se em 1928. Seus objetivos declarados são: formular o problema arquitetônico contemporâneo; apresentar a idéia arquitetônica moderna; fazer essa idéia penetrar nos círculos técnicos, econômicos e sociais; zelar pela solução do problema da arquitetura. Em 1933, reunindo-se em Atenas e com isto pretendendo colocar a arquitetura moderna simbolicamente como herdeira da tradição grega, publica a **Carta de Atenas**, a expressão ideológica mais clara dos seus princípios.

⁸ Idéia várias vezes enunciada por Le Corbusier, que opondo cultura à natureza, apresenta a arquitetura enquanto a mais sublime das criações humanas que, em decorrência do alto grau atingido pelo desenvolvimento tecnológico, poderia independe-se da natureza. (Cf. Por uma arquitetura, Maneiras de concebir el Urbanismo, etc.)

do *Los diez Libros de Arquitectura*, que foi escrito por Marcus Vitruvius Polio no século I AC. Com a arquitetura moderna a realidade, esta totalidade que é espacial, histórica e socialmente construída através da relação permanente e indissolúvel entre cultura e natureza, é barbaramente reduzida: com ela, a natureza e suas diferenciações são desconsideradas, uma vez que para ela a tecnologia – o mais avançado estágio da cultura humana – é capaz até de criá-la "in vitro".

Acredito que este aspecto é fundamental para se explicar a desadaptação absoluta das edificações contemporâneas que se transformam em "containers" totalmente dependentes de equipamentos de climatização e de iluminação artificiais, cuja utilização promove os apagões que conhecemos.

Elementos básicos - ponto de partida e chegada de todo empreendimento humano - *ethos*⁹, *topos*¹⁰ e *habitus*¹¹ são desqualificados pelos tecnolatrás que orientam suas ações pela crença de que os resultados do conhecimento científico e tecnológico são expressão de uma verdade superior. Com isto, a natureza e as realizações culturais que nela foram inseridas historicizando-a, cedem lugar ao hibridismo da criação tecnológica de última geração. O resultado desta conduta irresponsável é a subordinação absoluta ao sistema produtivo, que transformando-a na última moda, irá se realizar aqui tal qual nos quatro cantos do mundo, como a "maneira culta" de se construir. Com isto, a moda moderna de arquitetar afirma-se pela desqualificação das realizações arquitetônicas anteriores, impondo-se global e soberanamente, destruindo em nome do progresso todas as realizações humanas anteriores. Estas sim, fruto da inteligência orientada pela busca permanente empreendida cumulativamente por cada grupo, de adaptar a sua vida cotidiana ao lugar em que ele escolheu viver. A consequência é a subordinação de todos, independentemente do lugar em

⁹ Utilizo a palavra grega - que significa totalidade cultural determinada – no sentido de diferenciar a realidade cultural do grupo étnico original.

¹⁰ Utilizo a palavra grega - que significa totalidade espacial – no sentido de diferenciar a localização espacial, enquanto totalidade.

¹¹ Bourdieu (1972) propõe o conceito de *habitus* como o elemento de intermediação entre a estrutura social e a prática dos agentes. Definido como um sistema socialmente constituído de disposições, tendências e matrizes de percepções, ele é concebido como o produto da interiorização das estruturas objetivas. Ao mesmo tempo, enquanto princípio que produz e confere sentido às práticas características de um grupo de agentes, o *habitus* tenderá a reproduzir as estruturas externas das quais é, em última instância, o produto. (Cf. Bourdieu, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève, Ed. Droz, 1972)

que se encontrem, ao consumo impositivo de materiais, equipamentos e, principalmente, ao uso perdulário de energia.

Embora tenha aprendido na FAU, que a arquitetura é a arte e a técnica de construir abrigos necessários à vida dos homens, ao invés de estudarmos as arquiteturas que se constituíam à nossa volta, em território brasileiro, enquanto resultados de processos histórico-culturais de seus grupos humanos buscando adaptar as suas vidas aos lugares, cultivava-se quase que exclusivamente a análise da arquitetura "dos outros" autores, principalmente dos estrangeiros. Com isto, as análises restringiam-se às representações arquitetônicas bi-dimensionais (plantas, cortes, elevações, perspectivas e muita fotografia), deixando-se de apreciar a qualidade efetiva do abrigo, através das sensações que a entrada e a saída de uma construção promovem nos nossos corpos. Esta experiência que nunca foi utilizada enquanto uma referência essencial para o aprendizado da arquitetura, é um aspecto fundamental do meu ponto de vista. Talvez disto decorra uma deturpação no entendimento da arquitetura, que passa a ser vista como um objeto para ser visto e não para abrigar a vida, privilegiando-se exclusivamente as formas constitutivas em detrimento da compreensão do abrigo inteligente e sua efetiva significação nos processos culturais em curso. Para mim, isto representa a substituição da sensação pela racionalidade e conseqüentemente a alienação dos nossos corpos, como instrumentos efetivos de análise da qualidade dos abrigos.

A idéia das etnoarquitecturas de imigração

Desenvolvendo a pesquisa do meu doutorado na Geografia da USP, pretendendo relacionar imigração e enchentes, construí o conceito de etnoarquitectura, incorporando as dimensões críticas até aqui apontadas.

Três são as referências fundamentais para se compreender este conceito:

A primeira, é a metáfora da ostra, que foi utilizada por Henry Lefebvre na sua ***Introdução à Modernidade***¹²: o espaço humano é apresentado tal como uma ostra – *como o resultado da relação permanente e indissolúvel mantida entre o molusco e sua casca*;

¹² A cidade nova, in ***Introdução à Modernidade***.

A segunda, é a definição que Milton Santos introduz na sua *Metamorfoses do Espaço Habitado*¹³: *o espaço sendo formado por dois componentes que interagem continuamente: a) a configuração territorial, isto é, o conjunto de dados naturais, mais ou menos modificados pela ação consciente do homem através dos sucessivos “sistemas de engenharia”; b) a dinâmica social ou o conjunto de relações que definem uma sociedade num dado momento;*

A terceira, são os critérios para a escolha de lugares "salubres" em territórios desconhecidos, como condição fundamental para a boa arquitetura, que Marcus Vitruvius Polio faz constar nas suas *Los diez Libros de Arquitectura*¹⁴: identificá-los através da observação de como e aonde vive a sua população nativa ou, na sua inexistência, eviscerar os animais capturados no sítio.

Sendo assim, é com base nestas idéias que venho estudando a Formação Socioespacial do Estado de Santa Catarina, nela evidenciando as contribuições espaciais que os principais grupos étnicos, ao imigrarem para o seu território e nele se instalarem, inscreveram na sua paisagem e que nela permanecem no presente enquanto rugosidades singulares, através do conceito instrumental que denomino etnoarquitetura.

Etnoarquitetura é o conjunto, material e simbólico, das estruturas espaciais que cada grupo social edifica para abrigar a sua vida cotidiana (ou partes dela), adaptando-a sucessiva e crescentemente ao território em que ele escolheu viver. Situada no universo da cultura, o conjunto de elementos materiais que a compõe (localizações, materiais, estruturas e formas historicamente utilizadas) é articulado pela inteligência e pelo *habitus*, para abrigar fisicamente a existência do grupo. Por constituir-se também no seu universo simbólico e identitário, possibilita/constrange a vida cotidiana do grupo bem como a de cada um dos indivíduos que o integram. Sendo uma síntese adaptativa da vida de cada grupo humano a cada lugar, esta diversidade cultural permaneceu encoberta, em decorrência da utilização generalizada do conceito de habitat¹⁵ - seu equivalente biológico.

¹³ Da teoria à prática: um modelo analítico in *Metamorfoses do Espaço Habitado*.

¹⁴ De la elección de lugares sanos in *Los Diez Libros de Arquitectura*.

¹⁵ Conceito originalmente desenvolvido pela Biologia, que relaciona a vida aos seus ambientes propícios. Sua utilização generalizada – inclusive como título da Conferência Mundial que se realizou em Istambul em 2000

Entretanto a diferenciação contrastiva entre os dois conceitos permite evidenciar que a *etnoarquitetura* é elaboração espacial da inteligência humana (observação, experiência e memória) enquanto o *habitat* é decorrência de um padrão biológico inscrito no genoma de cada espécie viva.

A identificação, num território desconhecido, do lugar adequado onde situar o abrigo necessário à vida dos homens, é um problema enfrentado de longa data pela humanidade. Desde a tradição clássica, recomenda-se que ele deva ser aprendido com as populações originárias ou, na sua inexistência, através da observação cuidadosa e de análises criteriosas das vísceras dos animais que nele vivam¹⁶. Foi portanto deste ponto de partida que o engenho humano materializou, ao longo do tempo, o mundo que hoje conhecemos: edificando em todos os lugares - sempre através do *habitus* - as sínteses inteligentes de adaptação máxima possível de cada *ethos* a cada *topos*, consideradas sempre realizações da cultura. Estas construções que constituem a diversidade do espaço humano no mundo, permitem identificar/diferenciar etnicamente cada grupo humano, particularizando a estrutura e as formas espaciais do seu afeiçoamento à paisagem do seu território (e vice-versa).

Nos seus movimentos migratórios, os grupos étnicos sempre carregam consigo as suas tradições culturais. Estas serão adaptadas, no limite possível, ao espaço receptor. Entretanto, no que tange à migração etnoarquitetônica, ela será sempre problemática. Ao ser transferido todo um *ethos*, a natureza tópica existente na origem e que fundamentou a elaboração da etnoarquitetura original, será necessariamente uma outra natureza, no território de destino. Com isto, uma desadaptação inicial ocorrerá, promovendo maiores ou menores consequências à natureza do lugar de destino e ao *ethos* original, que a dinâmica cultural buscará equacionar no tempo.

Além disto, a maior ou menor visibilidade das etnoarquiteturas imigradas – que irá evidenciar a sua inclusão no território receptor – dependerá das condições de uso e ocupação do solo, pré-existentes ao momento em que a instalação ocorra.

- é problemática. Nas Ciências Humanas, deve ser evitado o seu uso, particularmente nos estudos do espaço humano.

¹⁶ Marcus Vitruvius Polio (90-35aC), na sua obra **Los diez libros de Arquitectura**, dedica parte significativa do seu primeiro livro, à *Escolha do Terreno São*.

II. Arquitetura e Sociedade (sem negligenciar a Natureza)

É com base nos pressupostos apontados que venho orientando os meus alunos a estudar arquitetura, na disciplina ARQ 5212¹⁷ do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC.

Para isto, desenvolvo os seguintes procedimentos didáticos:

Com uma aula expositiva inicial, procuro evidenciar as relações existentes entre os três termos – Natureza, Cultura e Arquitetura – a partir de exemplos presentes na realidade do mundo. No final desta aula, após a distribuição de um plano de estudos, detalhando os procedimentos, é proposto um trabalho individual sobre o ESPAÇO COTIDIANO EM QUE VIVO. Este trabalho cuja forma de apresentação é absolutamente livre, é apresentado oral e documentalmente em um seminário que conclui com o levantamento dos interesses e das problemáticas arquitetônicas que estão presente no dia-a-dia de cada um dos alunos, indica os virtuais objetos de estudo.

Dando continuidade ao trabalho, é solicitado que cada aluno reflita sobre a problemática levantada e procure nela situar-se, formulando por escrito, uma alternativa para estudos que seja do seu interesse. Neste sentido, solicito que cada um escolha uma solução arquitetônica para ser estudada e que indique dois exemplares existentes na Ilha de Santa Catarina: que do seu ponto de vista represente a melhor e a pior solução. Este resultado é enviado previamente para uma lista de discussão aberta na Internet e apresentado oralmente em seminário, onde são discutidos.

Todo o período subsequente é utilizado para a realização dos planos de estudo, elaborados sob a minha orientação. Nos horários de aula fico sempre à disposição dos alunos. Ao longo do trabalho, tenho exibido alguns vídeos, tais como "Nanook", "Gabeh" e "O enigma de Kasper Hauser", realizado alguns seminários a partir de textos sugeridos e executado trabalhos de campo em conjunto.

Dois seminários intermediários de avaliação e um seminário final de apresentação dos trabalhos são programados durante o processo.

¹⁷ A disciplina foi oferecida inicialmente entre 1993 e 1995. De 1995 a 2000, ela deixou de ser oferecida em razão do meu afastamento para realizar o doutorado em Geografia na USP.

Os estudos convergem, necessariamente, para o esclarecimento dos elementos e das relações constitutivas da arquitetura, das suas relações com a sociedade e com a natureza e todos os resultados parciais são sistematicamente socializados através da Internet, com a minha participação diária. Com isto, os resultados apresentados pelos alunos, são sistematica e permanentemente avaliados por mim e por todos os colegas.

No final do processo, cada aluno realiza uma avaliação dos resultados alcançados pela disciplina, dos procedimentos didáticos, do professor, de cada colega e a sua própria auto-avaliação.

Ao situar os estudos e a produção arquitetônica no universo histórico da cultura, torna-se evidente a sua finalidade de assegurar a manutenção da vida humana no mundo, melhorando permanentemente a sua qualidade. Além disto, fica claro que este processo histórico, repousa sobre uma lógica binária semelhante àquela que nos serve todos os dias: conserva-se o que presta, descarta-se o que não presta.

Para se fazer a arquitetura que a sociedade brasileira necessita e que seja adequada à sua natureza atual, diferentemente do que se pensa, não é suficiente o ingresso no vestibular e acompanhar as rotinas de "nível superior" que habilita profissionais, qualificando-os por inércia. Pelo contrário, é necessário um estudo sistemático e apaixonado, orientado por uma concepção de arquitetura (um conceito) tão clara e precisa quanto o é a idéia de uma mesa, uma porta, um rio, o mar... Só assim, teremos condições de identificar e apreciar as realizações arquitetônicas presentes no mundo, realizando as análises arquitetônicas – que permitam discernir de maneira crítica a boa arquitetura – imprescindíveis para o efetivo exercício da criação arquitetônica. A imagem mental requerida, tal qual aquela que fazemos da água, não pode ser reduzida a H²O.

No mundo, tem-se que saber o que se procura para se ter condições de interpretar o que se encontra. Neste sentido, arquitetura é toda a construção humana cuja finalidade é o abrigo que assegure a adaptação da vida humana (ou partes dela) ao lugar em que ela escolheu viver. Para se evitar ambiguidades, melhor re-afirmá-la em grego: é a síntese inteligente entre *ethos* e *topos* realizada pelo *habitus*. Ela pode ser considerada à semelhança de uma ostra como a relação indissolúvel entre a casca e seu molusco: onde a casca é a

materialidade fixa enquanto o molusco é a vida cotidiana que a casca abriga e constrange. Esta precisão tão simples, poderá assegurar uma eficácia ética e estética aos seus estudos.

III. Conclusão

Concordando com Walter Benjamim, que atribui à narração de experiências vividas para ouvintes atentos a origem de toda a cultura, a experiência de investir na ampliação dos processos comunicativos em educação exige, a meu ver o re-estabelecimento de relações bi-unívocas entre as palavras e as coisas.

Quando iniciei a disciplina, entre 1993 e 1995, orientei os alunos na realização de diversos estudos sobre as suas arquiteturas familiares. Seus estudos centrados na arquitetura familiar, eram iniciados pela análise das habitações em que residiam, reconstituindo a sua história familiar: sucessivamente, através de entrevistas com os pais e os avós, "reconstruíam" as casas da sua infância, da infância dos seus pais e dos seus avós. Os resultados destes estudos, considerando as suas diferentes origens étnicas, explicitaram os seus traços comuns. Este conhecimento foi fundamental para que eu construísse o conceito de etnoarquitetura.

No semestre passado, em razão de um excelente trabalho realizado por Alexandre Mayerle – um aluno da Engenharia Civil, que decidiu estudar as Delegacias de Polícia em razão da nossa insegurança cotidiana – sobre a Segurança Pública em Santa Catarina, o grupo de alunos decidiu concluir a disciplina elaborando em conjunto um projeto de Delegacia Legal para Florianópolis que foi apresentado na SEPEX¹⁸.

Ao re-situar a arquitetura enquanto produção humana de abrigo, situada no universo da cultura, oferecendo referências concretas para não se alienar o corpo enquanto instrumento de apreciação da qualidade arquitetônica, creio estar contribuindo para (...) *detener nuestra*

¹⁸ Na perspectiva teórica de Jane Jacobs, Michel Foucault e Milton Santos, os estudantes elaboraram uma história da segurança pública e das suas arquiteturas em Santa Catarina evidenciando o papel histórico desempenhado pelo equipamento urbano, desde a **Casa de Câmara e Cadeia** até a **Delegacia ao lado da Penitenciária**, a mais recente de todas.

A hipótese que orientou a elaboração do trabalho - baseada no trabalho do antropólogo Luís Eduardo Soares - foi que as delegacias de polícia, embora se constituam enquanto um equipamento urbano essencial para a segurança pública, sua arquitetura favorece a violência, a corrupção policial e toda a sorte de tráficos.

Um trabalho de campo, permitiu uma documentação em áudio e vídeo extremamente valiosa.

Como conclusão deste empreendimento – fundado no desejo de saber e no interesse de contribuir para a melhoria das condições de vida através da arquitetura – foi desenvolvido um projeto arquitetônico.

arquitectura en su ruinoso carrera hacia el formalismo vacío, costoso y a veces irrealizable, y llevar de nuevo a los proyectistas y hombres de cultura a una más serena valorización de los componentes objetivos de la construcción y al respecto hacia una moral constructiva y arquitectónica, tan importante para el aspecto futuro de nuestras ciudades como lo es la moral, entendida en el sentido de regla de vida, para una ordenada vida civilizada. ¹⁹

¹⁹ Apresentação do livro de Enrico GUIDONI – **Arquitectura Primitiva** – Madrid: Aguilar, 1977

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter – O Narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov in *Os Pensadores XLVIII* – São Paulo: Editora Abril, 1975.
- BOURDIEU, Pierre – *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève, Ed. Droz, 1972.
- GT-HIDRO – *As Enchentes de julho de 1983 em Santa Catarina e a busca de soluções* – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1984.
- GUIDONI, Enrico – *La Arquitectura Primitiva* – Colección Historia Universal de la Arquitectura – Madrid: Aguilar, 1977.
- LEFEBVRE, Henry – *Introdução à modernidade*- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- MERLEAU-PONTY, Maurice – *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996
- SANTOS, Milton - Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método in *Boletim Paulista de Geografia n*54* – São Paulo: 1978
- _____ – *Metamorfoses do Espaço Habitado* – São Paulo: Hucitec, 1988
- _____ – *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI* - Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, Marilda Checcucci Gonçalves da – *Imigração Italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí* – Campinas: Editora da UNICAMP e Centro de Memória; Blumenau: Editora da FURB, 2001
- VITRÚVIO, Marco Lúcio - *Los Diez Libros de Arquitectura* – Barcelona: Ibéria, Obras Maestras, 1955.

* **Roberto Gonçalves da Silva**. Arquiteto e Urbanista, Doutorando em Geografia na USP, Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC e pesquisador do Centro de Memória da UNICAMP